



25

TOP! TOP!



Edgar Franco

A AURORA PÓS HUMANA DE EDGAR FRANCO

TOP! TOP!

N. 25 - Junho de 2025 - 2a edição
ISSN 2177-1391

1a edição: março de 2009



Sumário

Capas e sumário. Ilustração e HQ de Edgar Franco

3. Edito. Cartum: Sergio Más

5. A Aurora Pós-Humana de Edgar Franco

Entrevista de Edgar Franco com Michelle Ramos

25. HQ. Edgar Franco

33. Chamada Geral

38. Lero-lero



Editor: Henrique Magalhães
Rua João Bosco dos Santos, 50. Apto. 903A
Parahyba (João Pessoa) PB. 58046-033
<https://www.marcadefantasia.com>; Email: marcadefantasia@gmail.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do Namid - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Departamento de Mídias Digitais da UFPB. Participam desta edição: Edgar Franco, Michelle Ramos e Sergio Más. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedades e responsabilidade dos autores.

Edito

A obra de Edgar Franco tem uma força excepcional. Ele despontou na década de 1980 com quadrinhos poéticos com rara verve filosófica e traço visceral. Hoje investe em pesquisas com quadrinhos virtuais, vídeo e música eletrônica, criando um sistema que denominou Aurora Pós-Humana. O autor e a obra se abrem na entrevista concedida a Michelle Ramos, revelando um artista inquieto e instigante.

Esta segunda edição é uma cópia que mantém a maior parte da edição anterior, publicada como impressa. Os textos referem-se aos anos 2008 e 2009 e decidimos não atualizá-los. Portanto, muita água rolou na produção de Edgar Franco, que se tornou Ciberpajé e cresceu em abrangência e importância de seu trabalho.

Veja a produção atual do autor no sítio da editora Marca de Fantasia.

Sergio Más - Argentina





Arte de Edgar Franco para a revista *Elegia*, do autor

A Aurora Pós-Humana de Edgar Franco



Esse cara é Doido! Essa foi a primeira coisa que eu pensei quando vi o trabalho de Edgar Franco pela primeira vez, com um roteiro “anormal” ao que tinha e tenho visto dentro do quadrinho brasileiro. Tem sido uma experiência única poder apreciar tão grandiosa criatividade vinda deste artista.

Edgar Franco além de conhecido quadrinhista, possuindo dezenas de páginas publicadas em revistas do Brasil e exterior, ainda é compositor, arquiteto e professor. Resumindo é um daqueles artistas dinâmicos que o Brasil só apresenta de tempos em tempos. Com uma tremenda força de vontade e persistência, mostra-nos que é preciso acreditar em nosso trabalho e capacidade, pois muitas dificuldades podem surgir em nossa caminhada, mas se formos firmes, inabaláveis e pacientes em nosso propósito inicial, as portas terminam se abrindo. Por isso, prepare-se, o mundo de Edgar Franco só esta começando!

Michelle Ramos



Edgar multimídia

Quadrinhista, compositor, arquiteto e professor. Como aconteceu essa incrível mistura em sua vida?

Acho que não é difícil orquestrar todos esses atributos porque eles estão intrinsecamente conectados. A paixão inata pelo desenho e pelos quadrinhos levou-me à Faculdade de Arquitetura; a paixão pela leitura, pela pesquisa sobre as linguagens artísticas e novos meios despertou-me o interesse por fazer Mestrado em Multimeios, na Unicamp – no qual fui pioneiro da investigação das HQs na Internet, o que resultou no livro HQtrônicas, pela Editora Annablume e no CD-Rom de mesmo título com minhas HQtrônicas.

A relação entre HQ e Arquitetura também começou a ser pesquisada desde a época da faculdade e passei a ministrar palestras sobre esse assunto em diversos locais, com isso surgiu o convite para ser professor na PUC-MG. O passo seguinte foi o Doutorado em Artes na USP, onde pude pesquisar sobre o fenômeno pós-humano e finalmente abarcar um universo mais amplo de formas de expressão estabelecendo-me como artista multimídia, utilizando o universo ficcional da “Aurora Pós-humana” para a criação de ilustrações, HQs curtas, álbuns de quadrinhos, animação, música e ciberarte. Hoje sou professor adjunto da FAV - Faculdade de Artes Visuais da UFG - Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde também atuo no Mestrado em Cultura Visu-

al como professor convidado e orientador.

Na verdade desde a adolescência estive envolvido de forma indireta com o universo musical, mas somente em 2004 passei efetivamente a trabalhar como compositor criando o Posthuman Tantra. Acredito que o artista que domina uma arte, domina todas as outras; sou totalmente contra esse corporativismo tacanho e cartesiano que classifica



A forte expressão erótica da obra de Edgar perturba os puristas

os artistas segundo uma forma de expressão: pintor, ilustrador, escultor etc. O verdadeiro artista sente-se sempre instigado a experimentar e criar nas mais diversas formas de expressão, por isso estou sempre aberto à experimentação.

Seu traço é um dos estilos mais dinâmicos e surreais nos quadrinhos independentes, qual sua referência na hora de desenhar?

Obrigado pelo comentário. Desde muito cedo, quando comecei a desenhar, eu tinha birra de copiar; amava muitos artistas, mas nunca quis copiá-los, preferia treinar o desenho observando o mundo e desenhando-o, além de exercitar minha imaginação livremente, mas NUNCA copiar ninguém. Acho que meu desenho demorou mais a evoluir por isso, no entanto ganhei em outros aspectos, pois aos poucos o traço foi adquirindo uma marca pessoal.

O pessoal dos zines já dizia perceber que era o Edgar Franco ali. É claro que muitos dos artistas que sempre amei me influenciaram de forma indireta, mas não só quadrinistas, muitos cineastas, pintores e escritores foram preponderantes na formação de minha noção de arte e do belo.

Acho que o dinamismo de meu traço é também fruto de uma liberdade grande no desenho; por vezes

sacrifício até algo da continuidade de uma HQ em prol dessa liberdade - por exemplo, o cabelo de uma personagem pode estar maior ou diferente de um quadrinho pra outro. Coisas desse tipo são um ultraje para os puristas da narrativa quadrinhística, mas eu gosto de experimentar, essa sempre será uma das principais premissas de meus quadrinhos.

Você sofre ou já sofreu algum preconceito pelo seu traço ou pelos estilos de suas histórias?



Edgar Franco foi um dos expoentes da revista *Tyli-Tyli*, de quadrinhos poéticos e experimentais na década de 1990

Sim, existe muito preconceito, a maioria dos leitores de quadrinhos são conservadores puristas e não gostam de HQs que experimentam no texto e traço. Tenho consciência de que meu trabalho é para poucos, jamais será para as massas. Mas lido bem com isso, existe um grupo restrito de leitores fiéis que me dão o feed-back necessário para sempre buscar evoluir dentro de minha proposta e continuar acreditando em meu trabalho artístico.

O caso mais esdrúxulo de preconceito contra meus quadrinhos foi quando eles foram chamados de “pornográficos” por um pseudo-editor, ou seja, ele não leu, ou não entendeu nada! Também já tive HQs vetadas em salões de quadrinhos, revistas e até fanzines, na maioria das vezes pelo mesmo motivo, a alegação de que o que faço “não é quadrinho”. Não me aborreço mais com essas coisas, sigo acreditando no que crio e galgando o espaço que acredito merecer.

Nessa sua longa caminhada de escritor de histórias em quadrinhos, como você está vendo a atitude dos artistas independentes de hoje?

É um bom momento, os jovens artistas estão aproveitando o barateamento do custo gráfico no país e produzindo trabalhos com acabamento profissional. Estão também se organizando mais, em grupos

que efetivamente se auxiliam, com mais cooperação e menos rivalidade. Isso é muito bom.

Só tenho uma crítica, acho que as novas gerações estão “certinhas demais”, não vejo mais aquele ímpeto de experimentar e criar coisas novas que foi tão forte nas décadas de 1980 e 1990. O pessoal desenha divinamente e escreve bons roteiros, mas é tudo derivativo, tudo parece demais com mil coisas que já vimos/lemos. O salto de qualidade técnica e gráfica não está sendo acompanhado por um salto criativo, é pena.

O que lhe faz discutir tanto sobre a influência da tecnologia nos quadrinhos e na vida humana? Como você vê o futuro da Humanidade nesse sentido? Artlectos & Pós-Humanos seria um exemplo?

Essa é uma pergunta complexa, poderia ficar dissertando aqui por alguns dias pra respondê-la. Como o pesquisador canadense McLuhan, acredito que os meios são as mensagens, ou seja, nós somos formatados e nossa relação com o mundo é modificada e reestruturada a partir das tecnologias, ao mesmo tempo essas mudanças de relação e cognição não necessariamente resultam numa mudança de comportamento dos seres humanos para com o seu próximo.

Veja que muitas coisas que foram imaginadas e teorizadas hoje fazem parte do nosso cotidiano, mesmo a idéia mítica de um inconsciente coletivo hoje tem uma metáfora perfeita na rede Internet. Ela conecta bilhões de mentes sobre o globo e é um manancial ilimitado de informação; também está reformutando a estrutura de nossos cérebros. A memorização de fatos tão importante até há algum tempo agora se tornou algo obsoleto. A rede é parte de nossa memória. Se eu lhe perguntar quais os afluentes do Rio Amazonas e você não souber, basta dois cliques no Google e lá estão eles!



BioCyberDrama, com desenhos de Mozart Couto, traduz o universo futurista de Edgard Franco

A metodologia pedagógica de todas as escolas e universidades está falida, ela já não responde à aceleração da informação e ao grande papel das imagens na construção do conhecimento na mente dos jovens. Por esses motivos é impossível para mim, como artista, não refletir sobre os avanços tecnológicos, eles estão moldando-nos e reestruturando-nos, somos uma espécie em transição.

Veja que já estão à venda gatos antialérgicos e outros híbridos com felinos selvagens, já fizeram uma ovelha que tem 15% de genética humana e cientistas apostam que em menos de 20 anos pessoas estarão se casando com robôs! Imagine o que está vindo por aí.

Entretanto as características mais marcantes da espécie humana ainda são o egoísmo, e o dogmatismo, não existe uma consciência de que estamos todos unidos, conectados como espécie, que devemos nos amar, amar a todas as outras espécies que habitam o planeta e amar o universo, falta essa visão sistêmica ao homem. Para mim a tecnologia tem possibilidades de fazer com que compreendamos essa interconexão com todos e tudo, mas existe também a possibilidade dela simplesmente contribuir para acelerar nossa extinção como espécie.

É sobre isso que discuto em meus trabalhos, sobre essas possibilidades; hora vejo luz, hora trevas.



O material de divulgação traz a personificação do autor em sua obra ficcional

Em minha revista Artlectos & Pós-humanos crio HQs curtas que refletem sobre essas eternas tensões e tento apontar possibilidades de futuro de forma poética e sem pretensões de futurólogo. São visões artísticas, considerando que para mim a arte é a maior das ciências.

Edgard compositor

Como compositor, do que trata suas músicas? Qual a influência dos quadrinhos quando está compondo?

O Posthuman Tantra, minha one-man-band, surgiu com a intenção de produzir as atmosferas sonoras para o universo da Aurora Pós-humana, meu mundo ficcional futuro,

onde existirão três espécies na terra, os Tecnogenéticos – organismos híbridos de humano-animal-vegetal -, os Extropianos – seres humanos que transportaram sua memória e consciência para um chip de computador e habitam corpos robóticos -, e os Resistentes – seres humanos no sentido tradicional, espécie em extinção. Aos poucos minha música foi também incluindo uma visão tecno-transcendente e a possibilidade de expansão dos níveis de consciência através de interfaces tecnognósticas.

Sim, acho que meus quadrinhos e músicas estão intrinsecamente conectados, quem ouve minha música diz que ela lembra meus quadrinhos e vice-versa, tanto que as apresentações ao vivo do Posthuman Tantra incluirão além da música e de uma performance de palco a projeção contínua de meus quadrinhos, ilustrações e animações. Algumas de minhas músicas, mesmo instrumentais, nascem de um conceito que lembra o argumento de uma HQ. Veja três exemplos de faixas do CD Neocortex Plug-in, lançado pela gravadora Suíça Legatus Records (www.legatusrecords.net):

The Omega Neocortex

Faixa que abre o CD, com forte clima onírico e transcendente. Música instrumental onde tentei capturar a essência da proposta do visionário Teilhard de Chardin. Ele anteviu o

surgimento de uma rede global que conectaria a consciência de todos os homens e seres vivos do planeta, chamou essa rede de Noosfera. Quando ela estiver completa Gaia acordará como um planeta consciente e nós seremos seus trilhões de neurônios, neurônios do grande “Neocortex ômega de Gaia”.

Visions from the Abyssal

Neurogenetic Circuit

Faixa instrumental baseada nas possibilidades de transe através de realidades virtuais computacionais, trances tecnológicos semelhantes aos dos alucinógenos. Trances que poderão fazer com que alcancemos as verdades universais através de nosso circuito neurogenético (presente no DNA). Trata da possível descoberta da consciência cósmica com auxílio da tecnologia. É inspirada nas reflexões de Roy Ascott & Robert Anton Wilson.

Glorification of our Nanotechpain

Música densa e obscura com várias participações vocais, entre elas a de Kenji Siratori – escritor cyberpunk japonês – e Mike, mentor da banda Suíça TransZendenZ. O conceito que a engendrou trata das ameaças possíveis, como a criação de nano robôs que inicialmente serão gerados para erradicação de doenças, mas depois passarão a ser produzidos em larga escala de forma clandestina para inocular novas doen-



Capa do CD *Neocortex plug-in*

ças e fazer uma poderosíssima indústria farmacêutica do futuro lucrar com a venda de “nano robôs antídoto”. É o continuísmo, a alta tecnologia aliada ao velho egoísmo humano.

E revertendo a questão, a música te ajuda na criação de novas histórias em quadrinhos?

Sim, são processos que se retroalimentam. Veja o caso da HQ “BrinGuedoTeCA” que foi publicada na revista *Artlectos & Pós-humanos* nº 2. A idéia para seu roteiro surgiu quando eu estava compondo uma música chamada *Teknogenetik Australopitekus* – que trata de uma reformatação doentia na moral humana com os avanços tecnológicos. Depois de gravar a música fiz a HQ, e finalmente resolvi transformá-la em uma HQtrônica, unindo a música às imagens e criando uma espécie de jogo em Flash. Esse tra-

balho, que contou com a participação do artista multimídia Fábio FON, foi publicado inicialmente na revista-objeto-CD-rom *Noisgrande* e depois foi traduzido para o inglês e entrou como faixa multimídia do CD *Neocortex Plug-in*. Por sinal um trabalho que tem agradado tanto à crítica quanto ao público.

Quadrinhos com estilo

Qual sua referência na hora de criar seus desenhos e roteiros? Quando você descobriu seu próprio estilo?

Como eu salientei, o universo de referências é realmente amplo, vai da pintura até a ciberarte, passando pelo cinema e música. Vou citar apenas alguns:

Artistas: Brom, Dali, Bruegel, Bosch, Alfredo Alcalá, Caza, Druillet, Gazy Andraus, Antônio Amaral, Goya, Klimt, Arcimboldo, Stelarc, Mark Pauline, Natacha Vita-More, Diana Domingues, Roy Ascott, Eduardo Kac, Suzete Venturelli, Fábio FON.

Músicos e bandas: John Cage, Syd Barrett, Coph Nia, Merzbow, Vangelis, Ordo Rosarius, Lustmord, Celtic Frost, TransZendenZ, Ulver e Philip Glass.

Cineastas: David Cronenberg, Kubrick, Kurosawa, Andrew Niccol, Jean Pierre Jeunet, Tsukamoto.

Filósofos: Blavatsky, John Lilly, Giordano Bruno, Dee, Sheldrake,

Ken Wilber, Francisco de Assis, Buckminster Fuller, Vernon Vinge, Ray Kurzweil, Krishnamurti, Love-lock, Stanislav Grof.

Escritores: Herman Hesse, André Carneiro, Asimov. P.K.Dick, Bradbury, Edgar Allan Poe.

Bem, esses são só a ponta do iceberg, mas demonstram de maneira geral meus gostos pessoais e são fundamentais para a constante evolução de minha consciência e daquilo que chamam de estilo – prefiro pensar que ainda não tenho um estilo formado, ter um estilo é estar estagnado, meu trabalho evolui a cada dia.

Muito se discute sobre a criação de um estilo próprio nos quadrinhos brasileiros e como isso pode ajudar na consolidação dos quadrinhos nacionais. Como você acha que se vai encontrar esse estilo?

De certa forma respondi parte dessa pergunta em outros momentos. Não se força a criação de um estilo de fora pra dentro, é como procurar o pássaro azul no mundo lá fora e nunca encontrar. O estilo nasce do artista, simplesmente do ato de acreditar no que faz e tentar se expressar através de seus sentimentos e sensações mais profundas.

É preciso conhecer as técnicas do desenho e roteiro, mas depois abdicar delas, pois elas podem tornar-se armadilhas e seu trabalho

apenas um carimbo mal acabado de dezenas de outras criações já produzidas. Acho que muitos estilos inovadores de quadrinhos surgiram no Brasil, mas nunca lhes foi dado o devido valor.

Os críticos sempre acreditaram de forma inocente que fazer HQ brasileira é falar de nossa cultura popular, tratar de cangaceiros, sacis, mulas sem cabeça - lendas derivadas de arquétipos globais - copiar Guimarães Rosa e o mítico Macunaíma. 99% do que tem sido feito na tentativa de criar HQ nacional é lixo, inclusive muita bobagem tem sido premiada e ganhado o status de “grandes HQs”, chega a ser risí-



No álbum *Transessência*, lançado pela Marca de Fantasia, temos toda a exuberância da arte de Edgar Franco



Uma das capas de Edgar Franco para a revista *Mandala*

vel. Um dos estilos inovadores que floresceu no Brasil durante a década de 1990 foi a chamada Fantasia Filosófica, ou ainda Quadrinhos Poético-filosóficos, um gênero de HQs curtas, com ambientação fantástica, texto poético e carga filosófica desenvolvido por artistas como Gazy Andraus, Flávio Calazans, Al Greco, Rosemário, Érika Saheki, Henry Jaepelt, Antônio Amaral e também por mim. Teve até uma revista especial dedicada a este gênero singular, a revista *Mandala*, editada pela Marca de Fantasia, de Henrique Magalhães.

Como você vê a questão Super-Heróis Brasileiros?

Não sou um fã de quadrinhos de super-heróis, por isso não tenho muito referencial para fazer uma crítica mais consistente sobre o gênero. Mas gosto de alguns trabalhos que não são derivativos, que conseguem trazer algo de novo. Acredito que é possível, sim, criar algo interessante fazendo super-heróis brasileiros. Dos trabalhos recentes que vi, gostei muito da proposta de *O Máscara Noturna*, personagem de José Salles. É um quase anti-herói com uma sina doentia. Salles é um grande roteirista e suas histórias misturam suspense, horror, jeitinho brasileiro, sexo e aventura. É um trabalho muito bom, que poderia render excelentes produtos em outras mídias como o cinema e a animação.

Em sua opinião, quando as editoras vão se abrir mais ao material tipicamente nacional? Depende mais de quem, da editora ou do artista?

A maioria dos editores quer lucrar, e os produtos vindos do exterior são baratos e com propaganda gratuita do cinema e de outras mídias. O cara não vai deixar de publicar o Batman pra publicar um herói bra-

sileiro; a indústria cultural não está preocupada com qualidade ou nacionalidade, eles querem ganhar dinheiro. Portanto os artistas devem buscar as alternativas existentes, buscar o seu público.

É possível ter HQ comercial de qualidade e com cara brasileira, veja as nossas HQs de horror das décadas de 70 e 80, conquistaram milhares de leitores e muitos artistas criavam roteiros geniais unindo a tradição mundial do horror a características de nossa mitologia popular, Elmano Silva e sua “Besta Fera” e também “O Homem do Patuá” era algo genial. Eu tinha 11-12 anos e relia suas HQs diversas vezes.

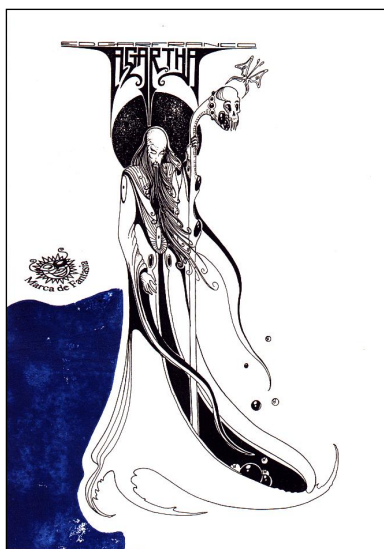
Acho que hoje é importante conquistar um público alvo, direcionar o seu trabalho e conseguir fazer chegar ao seu leitor! As grandes tiragens vão acabar, seus dias estão contados. Mas se um quadrinhista conseguir um público cativo de 2000 pessoas, que lerão sua revista mensalmente, poderá até viver de quadrinhos. É um desafio, pois não estão se formando novas gerações de lei-

tores, brevemente as HQs não serão mais mídia de massa, serão uma forma de arte cult. O mesmo aconteceu com o teatro, a poesia e com outras formas de arte. Vamos ver o que o futuro nos reserva.

Como compositor, é mais fácil ser cantor, ter uma banda etc., ou é ainda mais difícil publicar HQs?

Eu amo criar HQs e jamais irei parar de criá-las! Foi minha primeira forma de expressão artística e tem um papel importante em minha formação como artista multimídia. Entretanto as HQs são realmente vítimas de preconceitos em todos os campos, desde a arte até a academia; publicar quadrinhos no Brasil é algo difícil e doloroso. Conquistar

espaços é algo muito complicado, por isso em meus 20 anos fazendo HQs tenho muito orgulho do que consegui com muito suor e uma produção constante que hoje soma mais de 2000 páginas (entre HQs e ilustrações). Por incrível que pareça em ape-



Capa do álbum *Agartha*, de Edgar Franco

nas três anos trabalhando com música, conquistei espaços incríveis, tem sido muito mais fácil do que com os quadrinhos.

Como é visto seu trabalho nos quadrinhos e na música fora do país?

Já publiquei HQs em países como Romênia, Inglaterra, EUA, Itália, França, Espanha, Portugal, África do Sul, entre outros. Fui até entrevistado por uma importante revista alemã dedicada aos games, cinema & HQ. A recepção ao meu trabalho sempre foi calorosa, apesar das dificuldades da língua, já que o português é compreendido por muito poucos e é sempre necessário fazer traduções. Mas com a música tudo é mais fácil, trata-se de uma linguagem universal, e, além disso, 90% de minhas composições são em inglês, o que também facilita a penetração global do trabalho.

Em apenas quatro anos com o Posthuman Tantra, participei de coletâneas na Itália, França, Austrália e Brasil, lancei um grandioso trabalho conceitual com a lendária banda francesa Melek-tha - a quadrilogia Kelemath - composta de quatro caixas de CDs com mais de 12 horas de música e ainda 25 cards desenhados por mim inspirados na história conceitual da saga: uma invasão alienígena de uma raça híbrida provinda de Sirius.

O Posthuman Tantra foi uma das primeiras bandas brasileiras do estilo dark ambient a assinar contrato com uma gravadora Européia (Legatus Records) para o lançamento de um CD. Esse trabalho, o primeiro CD oficial da banda, foi lançado pela Legatus em junho de 2007 e tem alcançado boa distribuição global com resenhas e divulgação em países como EUA, Colômbia, Japão e Rússia, além de toda a Europa. No



Ilustrações de Edgar Franco para cards da *Trilogia Kelemath*

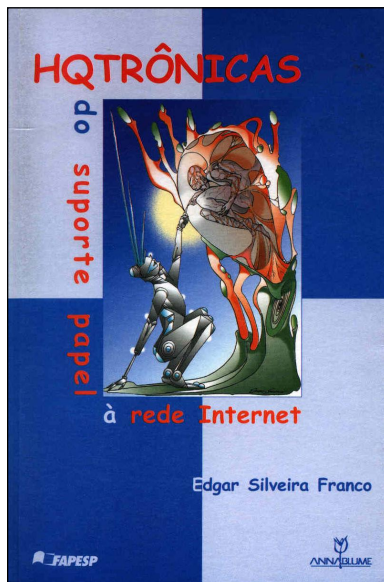
Brasil o álbum recebeu nota 9 em resenha da revista Rock Hard Valhalla (nº 53) – franquia brasileira da revista de rock mais lida no planeta, e também dei uma curta entrevista para a mesma revista. Em 2008 assinei contrato com a Legatus para o lançamento do segundo CD do Posthuman Tantra, o trabalho será lançado no segundo semestre de 2009.

Enfim, venho colhendo bons frutos com a banda, mas também não tenho do que reclamar com meus recentes lançamentos em quadrinhos, a revista Artlectos e Pós-humanos recebeu boas críticas e elogios de meu restrito e fiel grupo de leitores. Não abduco de criar em múltiplos suportes e mídias, isso é instigante e prazeroso.

Quadrinhos e tecnologia

Como pesquisador da área, o que o futuro da tecnologia reserva para os quadrinhos?

Em meu Mestrado em Multimídia na Unicamp estudei o fenômeno da migração das HQs para a rede Internet. Minha pesquisa, pioneira no Brasil, foi lançada como livro em 2005 – com um CD-Rom acompanhando, onde apresento minhas próprias HQtrônicas. A segunda



Capa do livro *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet*, onde Edgar Franco propõe uma nova linguagem para os quadrinhos

edição de *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet* foi lançada em janeiro de 2008 pela editora Annablume em parceria com a FAPESP, provando a importância e boa recepção ao trabalho.

No livro relato o surgimento de uma nova linguagem artística que alcunho de HQtrônicas, ela hibridiza HQ e hipermídia; também analiso o fenômeno das HQs na web de forma mais ampla em seus múltiplos aspectos. Acho que as HQs irão tomar múltiplas formas, algumas delas se mixando com as novas possibilidades tecnológicas enquanto outras manterão a tradição. Também tenho discutido o assunto em minha coluna “Quadrinhos Redon-

dos” no site Bigorna; os interessados podem conhecer minhas idéias visitando a coluna.

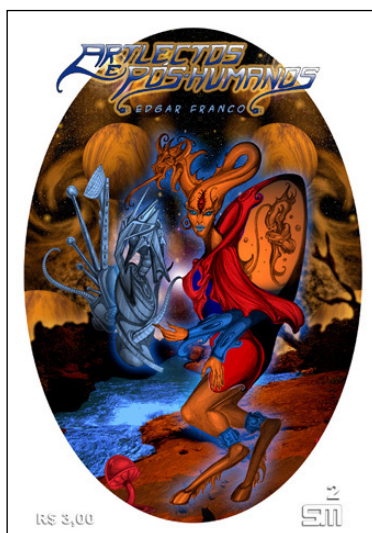
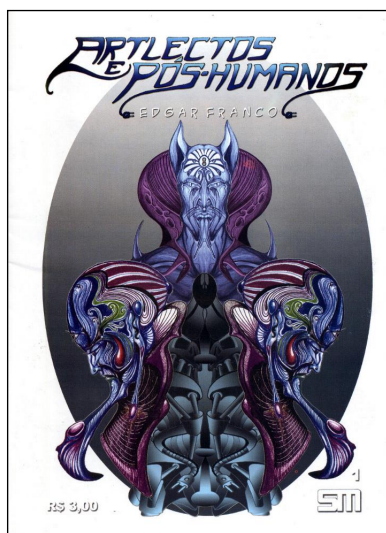
Com todo o crescimento da tecnologia atualmente, você acha que a revista em quadrinhos impressa perderá sua importância?

Como já salientei, as publicações em suporte papel, aos poucos, irão tornar-se cult. Serão publicadas de forma luxuosa para os aficionados – já existe essa tendência no mercado. As grandes tiragens de “gibis” tornaram-se coisas do passado, os quadrinhos estão seguindo um caminho segmentado. Prova disso é que muitos jovens das novas gerações não sabem ler quadrinhos, ou seja, não conhecem os códigos que

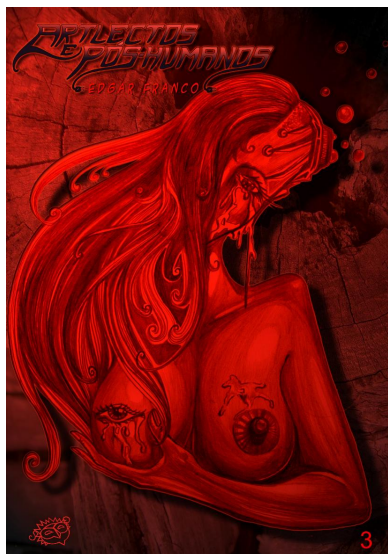
compõem a linguagem, pois nunca leram HQs! Para nossa geração, ler HQs era quase como ver televisão, fazia parte do cotidiano das crianças. Hoje os entretenimentos interativos, como os games de computador, são mais sedutores. É por isso que acredito que as HQs impressas sobreviverão, mas ganharão o mesmo status cult de outras artes, como o teatro.

Veremos mais de Artlectos & Pós-humanos em breve?

A revista mudou de editora e agora será lançada pela Marca de Fantasia. O nº 3 deve sair ainda em março de 2009, retomando minhas HQ com seu universo conceitual.



As duas edições da revista em quadrinhos *Artlectos e Pós-Humanos* pela SM Editora



Terceira edição de *Artlectos e Pós-Humanos*, agora pela *Marca de Fantasia*

Como foi a publicação pela SM Editora, fale sobre como se deu essa parceria.

O José Salles é um amigo de longa data, um dos grandes nomes da cultura underground brasileira. Escritor de talento, roteirista de mão cheia e um videomaker singular. Além disso, Salles é um homem de mente inquieta, sempre lidando com iniciativas bacanas envolvendo mídias alternativas. Fiz a proposta de um título para a editora ainda em seu início e Salles topou de imediato, me dando carta branca para desenvolver o trabalho. Aí nasceu a *Artlectos & Pós-Humanos*, uma revista com HQs curtas que são ambientadas em múltiplas fases de

meu universo de FC futurista Aurora Pós-Humana.

Pela SM Editora foram lançados dois números, um em 2006 e outro em 2007. Para mim o ritmo foi ótimo, pois meus quadrinhos não são fáceis, são para um público restrito. Com esse tempo também posso esmerar-me mais na proposta conceitual e na arte do gibi, já que estou sempre envolvido com trabalhos artísticos em múltiplas mídias. Espero continuar indefinidamente com o título enquanto os leitores estiverem apreciando.

A publicação pela editora SM, que mudou o nome para “Editora Júpiter 2”, foi uma grande parceria. Salles é um editor de verdade, que acreditou no meu trabalho e incentivou-me muito!

Com a mudança de linha editorial da Editora Júpiter II, o amigo Henrique Magalhães – mentor da seminal editora *Marca de Fantasia* – me convidou para continuar editando a revista por sua editora.

Posthuman Tantra

Falando de seus projetos pessoais, em que tipo de atividade você está envolvido?



Foto de cena do videoclipe do Posthuman Tantra

No início de 2008 foi lançado na Internet o primeiro videoclipe do Posthuman Tantra, onde contribuí como assistente de direção e, pasme, ator principal no vídeo! Ele foi feito para a nova música “The Master of the Alien Werewolves’ Clan”. O trabalho é uma produção conjunta Brasil-Alemanha e foi dirigido pelo bavariano Christian Rengstl e sua esposa Ariadne. O clipe conta com locações especiais e um clima tétrico-mágico, com influências do expressionismo alemão & b-movies da produtora inglesa Hammer. A versão de melhor qualidade está no Myspace (na primeira página), mas é possível assisti-lo também no Youtube.

Aproveitando a presença da equipe que filmou e dirigiu esse primeiro clipe no Brasil, fizemos todas as tomadas e filmagens para um

segundo clipe que está sendo montado e editado na Alemanha, esse clipe estará no segundo CD da banda e conta também com algumas pequenas animações criadas por mim. Além disso, desenvolveremos juntos um curta em stop-motion criado a partir de uma das HQs publicadas na Artlectos & Pós-Humanos.

Estou montando o show do Posthuman Tantra, que contará com muitas surpresas. Aproveito para divulgar alguns lançamentos recentes: o CD “Gothik Kama Sutra”, parceria entre o Posthuman Tantra e o lendário músico Amyr Cantúcio Jr. (Alpha III), o novo álbum duplo com a banda francesa Melek-tha “H.P. Lovecraft: Opus V”, com músicas inspiradas na cosmogonia de Lovecraft. Acaba de ser lançado também – pela Sonoros

Records - o EP “Nanobods Remixed: DNA-Sylicon-Memes” – com músicas do Posthuman Tantra e recombinações da banda Sobota.

Entre os trabalhos musicais em desenvolvimento destaco o próximo álbum do Posthuman Tantra, que além das músicas incluirá uma HQ-trônica nova e o segundo clipe, assim como um novo EP que estou gravando, parceria entre o Posthuman Tantra e a escritora e ocultista polonesa Asenath Mason - autora do livro “Necronomicon Gnosis”. Tenho dois trabalhos de ciberarte em fase de concepção, finalmente, iniciei os trabalhos para um álbum em quadrinhos totalmente colorido, minha aventura mais ousada pelo mundo das HQs, um trabalho de 100 páginas com arte e roteiro meus, totalmente em cores. Penso que levarei uns três anos nesse projeto.



A revista *Elegia* acompanha um CD com três músicas de Edgar Franco



Capa do CD *Gothik Kama Sutra*, de Edgar Franco, em parceria com Amyr Cantúcio Jr.

Você tem o costume de ler e comprar zines e revistas independentes? Qual você indicaria como exemplo de bom quadrinho nacional?

Eu procuro adquirir sim, na medida do possível. Tenho praticamente todos os títulos de editoras com a SM e a Marca de Fantasia e indico o material dessas duas grandes marcas da HQ independente. Para todos aqueles que estiverem em busca de boas HQs alternativas, esses selos são sinônimos de qualidade! Mas tem também muitos outros abnegados fazendo um trabalho bonito. O pessoal da Prismarte, de Recife; a Camiño di Rato, de Uberlândia-MG; a Areia Hostil, do Rio Grande do Sul – que infelizmente parou - e as publicações do coletivo Quarto Mundo que estão revolucio-

nando a produção da HQ independente no Brasil. Um álbum recente impressionou-me muito, chama-se Blue Note, foi desenhado por Shiko e roteirizado por Biu – publicado com apoio do governo da Paraíba. Dentre os nomes mais conhecidos, indico as novas adaptações literárias para os quadrinhos feitas por Marcatti e pelo grande Laudo. No humor tem o Márcio Baraldi e o Bira Dantas – com um trabalho contínuo e marcante. Estou na expectativa pra ler os novos álbuns de Gazy Andraus e Antônio Amaral, sei que vem coisa muito boa por aí! Enfim, com certeza estou esquecendo muita gente de talento...

Luz e sombra

Qual o momento mais feliz que você teve até hoje nas histórias em quadrinhos?

O momento mais feliz ainda virá, tenho muito que fazer e criar! Mas vivi momentos marcantes como quando publiquei minha primeira HQ em um fanzine ainda nos anos 80, com 12 anos de idade; o zine chamava-se Odisséia, foi muito bom ver a reação das pessoas ao meu trabalho. Outro momento especial foi o encontro com grandes artistas da HQ brasileira que pensavam sobre essa linguagem e tra-



O universo gótico do videoclipe do Posthuman Tantra

fegavam em universos próximos ao meu, como o irmão Gazy Andraus, o mestre Flávio Calazans, o amigo especial Henrique Magalhães; a parceria com um ídolo da infância chamado Mozart Couto em BioCyberDrama. Enfim, os melhores momentos foram todos de conexão com mentes especiais! Também conhecer pessoas sensíveis ao meu trabalho, pessoas como você, Michelle, que está coordenando esse espaço tão bacana das HQs brasileiras na web – o Zine Brasil - e me entrevistando aqui. Isso é o que realmente vale a pena!

E Qual o momento mais difícil na sua carreira de quadrinhista brasileiro?

Os momentos mais difíceis foram aqueles em que deixei de publicar meus trabalhos por não fazer concessões, quando pseudo-editores sugeriam mudanças no direcionamento de meus quadrinhos para torná-los “publicáveis”. Recebi muitas recusas por jamais fazer concessões, por acreditar no meu trabalho. No início isso era doloroso, pois todo artista quer ver seu trabalho publicado, quer chegar até as pessoas. Hoje encaro isso com muita tranquilidade, encontrei o meu espaço, conheço meus limites, mi-

nhas qualidades e potencialidades e continuo não fazendo concessões.

Se um jovem que acaba de descobrir a arte dos quadrinhos, começasse a escrever ou desenhar HQs e lhe perguntasse qual sua dica para trabalhar no ramo, o que você diria nesse momento?

Seja você mesmo, faça aquilo que você acredita, ouça apenas o seu coração, nunca faça concessões. E lembre-se que um bom artista se faz com 99% de transpiração e 1% de inspiração, ou seja, produza, produza, produza...

Edgar foi um imenso prazer ter a honra de entrevistá-lo, obrigada pela atenção e sobre tudo obrigação pela paciência!

Querida Michelle, a honra é toda minha, fico muito feliz em poder ocupar um espaço tão nobre quanto o do Zine Brasil com uma entrevista como essa! Aproveito para agradecer a você e ao Henrique Magalhães que nos propôs a publicação impressa no premiado zine Top!Top! Continuem com esse trabalho maravilhoso e abnegado em prol das HQs nacionais, vocês são guerreiros! Parabéns!

Convido todos os amigos interessados em conhecer mais do meu trabalho a entrarem em contato comigo pelo e-mail oidicius@hotmail.com e também a visitarem meus sites.

Entrevista originalmente publicada no Zine Brasil (zinebrasil.wordpress.com), de Michelle Ramos, em 26 de janeiro de 2008. Com a interferência atrevida de Henrique Magalhães na versão atual. Fotos de Christian Rengstl.



Edgar Franco em uma de suas performances

Contatos de Edgar Franco

Blog “A Arte do Ciberpajé” - <https://ciberpaje.blogspot.com/>

Página “Os Aforismos do Ciberpajé” - <https://www.facebook.com/aforismosdociberpaje/>

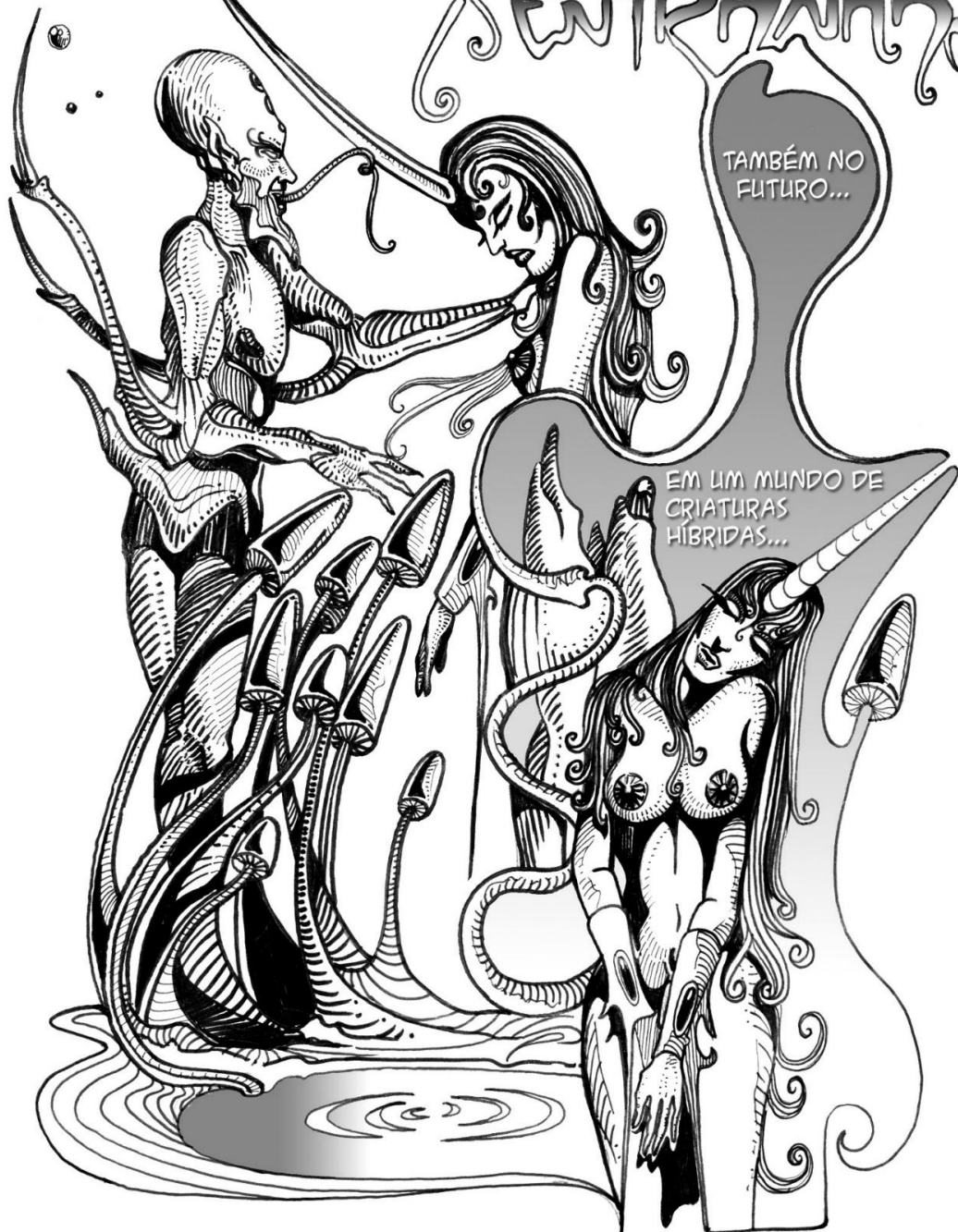
Página “Projeto Ciberpajé” - <https://www.facebook.com/Projeto-Ciberpajé-276047669502963/>

Página “Posthuman Tantra” - <https://www.facebook.com/posthumantantra/>

Posthuman Tantra no Youtube - <https://www.youtube.com/user/posthumantantra>

E-mail – ciberpaje@gmail.com e oidicius@gmail.com

ESTRANHAS ENTRANHAS





... O DESEJO
É UMA MENSAGEM
GENÉTICA...

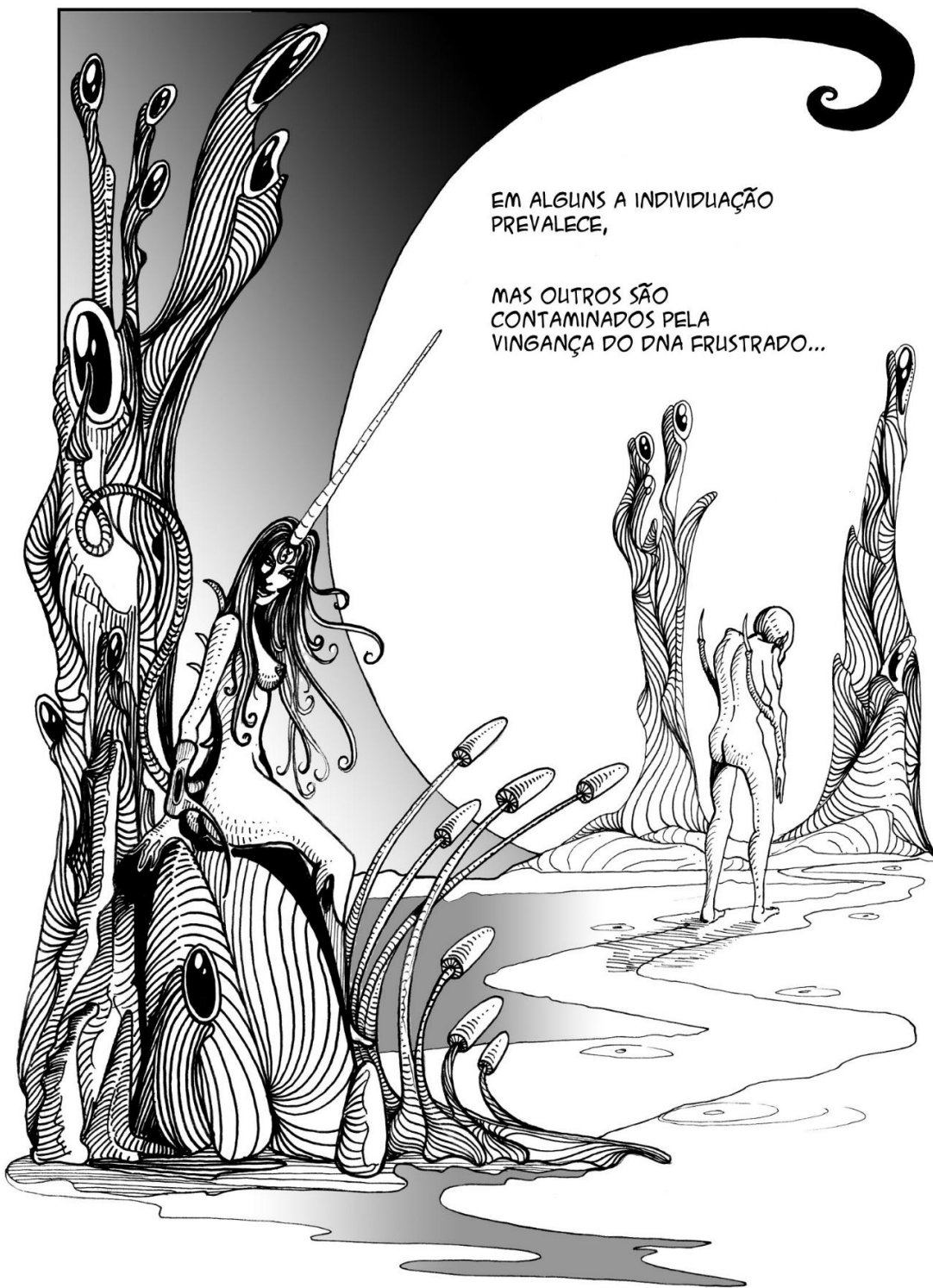
...UMA ORDEM
PARA PERPETUAR
A ESPIRAL

MAS ESSA
IMPOSIÇÃO
PODE SER
SUBVERTIDA...

... PELA
INDIVIDUAÇÃO
DO PRAZER



E O DESEJO
RECONFIGURADO
É INTENSO,
EXPLOSIVO,
MAS ESTÉREO...



EM ALGUNS A INDIVIDUAÇÃO
PREVALECE,

MAS OUTROS SÃO
CONTAMINADOS PELA
VINGANÇA DO DNA FRUSTRADO...



...QUE LHES
INJETA O
REMORSO

Luis Franca





MAIS TARDE...

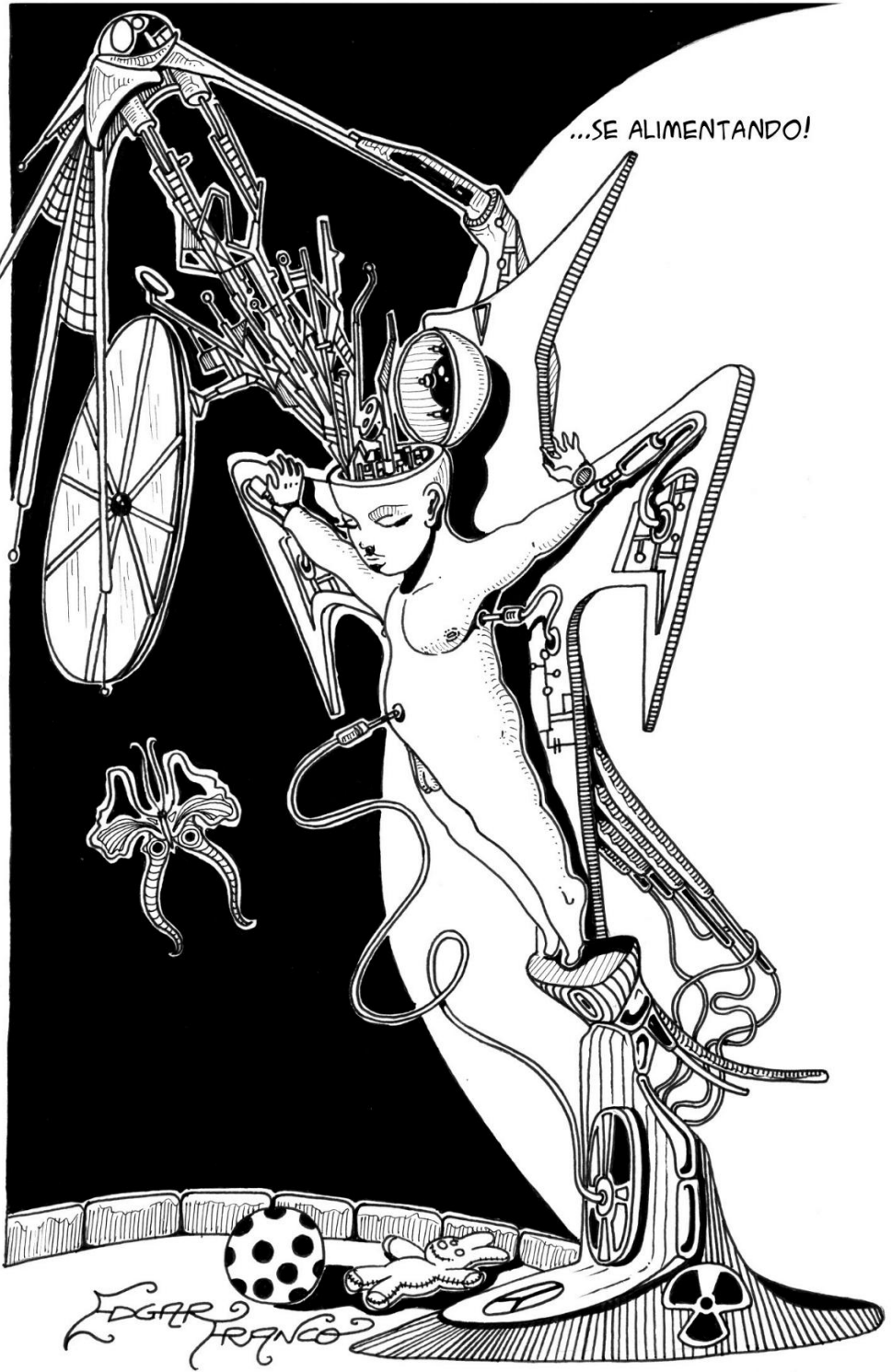
FOI
UMA
BELA
CERIMÔNIA!

...E PENSAR QUE ATÉ
BEM POLCO TEMPO NOS
ERA NEGADO O DIREITO
AO BATISMO!

E ONDE
ESTÁ
ELE
AGORA
?

LÁ
DENTRO
SE
ALIMEN-
TANDO
...

É BOM
SABER
QUE
ESTE
TEMPO
PASSOU!



Chamada Geral

Sopro de vida em Metrópolis

Os quadrinhos brasileiros não raro vivem da cópia sem cerimônia dos modelos importados e em voga no momento. Desde os eternos super-heróis dos mais variados matizes até a coqueluche do mangá. Apenas para os mais jovens, costumava-se chamar de “coqueluche” aquilo que se disseminava rapidamente e por toda parte, como uma epidemia. O mangá é isso, espalhou-se pelo mundo de forma devastadora inspirando e induzindo a expressão gráfica de novos e velhos autores.

Há, felizmente, os resistentes na arte dos quadrinhos, como em tudo na vida. O novo, é claro, está menos na repetição dos padrões vigentes que na experimentação, ou, ainda mais, no que pode ser mais simples, no que expresse mais o universo pessoal. A esse tipo de quadrinhos podemos chamar de autoral, por ser incomparável em seu aspecto gráfico e textual, como uma caligrafia, uma linguagem própria de seu autor.

É nessa premissa que enxergamos Metrópolis, série de histórias em quadrinhos escritas por Leo-

nardo Santana e desenhadas por Maurício Fig. São pequenas narrativas centradas no cotidiano das grandes cidades que expõem de forma instigante o complexo jogo de interesses e relacionamentos de seus habitantes. Embora as histórias possam se situar em qualquer grande cidade do planeta, a obra de Leonardo e Maurício deixa pistas que retratam a particularidade de nossas metrópoles, seja pela figura do trombadinha cheirando cola, seja pela ironia de certos letreiros afixados no cenário urbano.



Há um alto grau de pessimismo nas histórias, que é o fruto do desencanto de um futuro digno para nosso país, mas isso não tira o brilho do trabalho. Ao contrário, dá-lhe um caráter crítico que o alça da banalidade comum da maioria das produções em quadrinhos. As histórias são contos, récitas impactantes que nos levam à reflexão, cujo peso mais incomoda que nos dá prazer. Mas há também um alívio para quebrar o paradigma de que os quadrinhos autorais devam ser negativos. A história “Cláudia encontra a felicidade” é um momento poético bem construído que toca a sensibilidade do leitor.

Metrópoles é uma obra simples e por isso mesmo plena de significações. É uma prova de que os quadrinhos podem falar de nossa gente, nossos costumes sem mergulhar nos clichês ou apelar para regionalismos e muito menos copiar fórmulas importadas e desgastadas.

HM

Metrópoles

Leonardo Santana & Maurício Fig
Coleção Corisco 6. Marca de Fantasia, 2008. 40p. 14x20cm.

<https://www.marcadefantasia.com>

Um circo de grandes novidades

Um estudante de Desenho Industrial tem como tarefa a criação de uma história em quadrinhos. É este o mote que leva a personagem Lucca a se confrontar com vários empecilhos para a realização de seu trabalho, da falta de inspiração ao menosprezo de alguns amigos de faculdade, de suas fraquezas, mascaradas em soberba, às próprias limitações e incertezas na construção de sua obra.

De algum modo autobiográfica, a história em quadrinhos de Jozz –

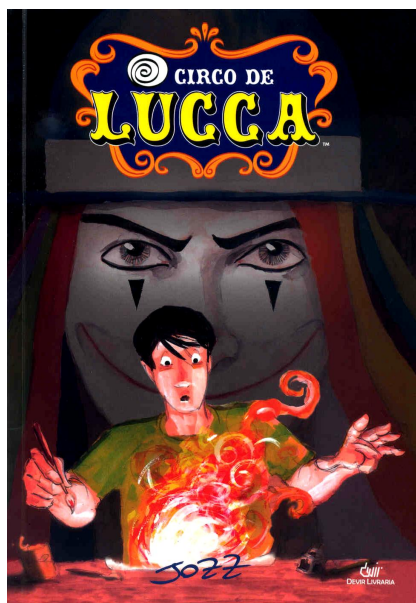
Jorge Otávio Zugliani – é um excelente argumento para mostrar aos leitores as várias etapas do desenvolvimento e da estrutura de uma história em quadrinhos. Técnicas de construção de personagem, ritmos narrativos, passagem de tempo, emprego de cores, angulações, textos, balões, enquadramentos, leitura linear e não-linear, os elementos mais importantes dos quadrinhos são abordados por Jozz de forma didática e elucidativa.

Contudo, o álbum não deve ser visto apenas como um manual ou instrumento pedagógico. O autor utiliza os recursos estruturais dos quadrinhos como elementos da própria história de modo que se coloquem como desafios a serem resolvidos pela personagem central. Daí que Lucca é um desenhista de quadrinhos envolto com a problemática de sua criação. À HQ, Jozz acrescenta aventura, drama, tensão e humor, evidenciando seu domínio da linguagem dos quadrinhos.

Com o interesse cada vez maior do meio acadêmico em estudar a História em Quadrinhos como uma disciplina artística, alguns livros têm sido lançados com o objetivo de compreender e estabelecer sua linguagem: de Antônio Luís Cagnin (Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975) e Sonia Luyten (O que é História em Quadrinhos. São Paulo: Brasiliense, 1985) a Claude Moliterni (L'Aventure de la Bande Dessinée. Paris: Nathan, 1990), de Will Eisner (Quadrinhos e Arte Sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 2001) a Scott McCloud (Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: M. Books, 2005).

Muitos são os teóricos e artistas que se debruçam sobre os meandros da História em Quadrinhos, consolidando sua expressão como uma forma de arte. O álbum de

Jozz segue também esta linha, apresentando em complemento à HQ, de forma clara e didática, o percurso trilhado para a elaboração de seu trabalho, suas escolhas e modo de produção. Não é todo dia que se consegue a façanha de cruzar os limites físicos da academia para se chegar às mãos dos leitores. Com a transformação de seu trabalho acadêmico em livro, Jozz demonstra sua capacidade empreendedora ou, quando menos, sua habilidade de furar os entraves do mercado, sem dúvida motivado pela consciência da importância de seu trabalho. Hm



O circo de Lucca

Jozz

São Paulo: Devir, 2007

136p. 16,5x24cm

Uma forma sutil de falar de sexo

Sérgio Chaves é o editor de Justiça Eterna Zine, ganhador do prêmio Angelo Agostini como o melhor fanzine de 2006. Em paralelo, ele edita o Universo Subterrâneo, fanzine aperiódico também voltado às histórias em quadrinhos. A quarta edição de Universo Subterrâneo, de março de 2006, se destaca pela abordagem centrada na sexualidade.

O sexo nos quadrinhos não é algo excepcional, em particular nos quadrinhos independentes, em princípio livres das amarras conservadoras do mercado. Não é raro encontrarmos o apelo sexual de forma explícita e impudica nas páginas dos fanzines e revistas, um pouco para dar vazão às tensões eróticas juvenis. É mulher pelada e sexo explícito, além de palavrões que já não coram nem os mais neófitos dos púberes.

O diferencial dessa edição de Universo Subterrâneo é a forma sutil como sexo é abordado. São duas histórias em quadrinhos que tocam no tema, ambas gerando um clima de expectativa por meio da construção verbal ou mesmo de um sugestivo apelo visual, de algum modo recorrendo ao elemento erótico.

A primeira HQ “No congestionamento”, os paranaenses Vagner

Francisco e Anderson Cossa trabalham o tema lesbiliano de forma pouco usual. Anderson tem um desenho interessante, com estilo e domínio da linguagem dos quadrinhos, em que explora diversos enquadramentos e composições gráficas. No entanto, o diferencial está no texto de Vagner Francisco, que consegue tocar num assunto inusual no meio masculino com sutileza e bom humor.

O universo lesbiliano é muito raramente tratado nas histórias em quadrinhos, principalmente porque são homens a maioria dos criadores dessa arte. Por alguma razão não determinada, poucas mulheres enveredam pelo mundo das histórias gráficas seqüenciais e as que o fazem não tocam necessariamente nas questões ligadas à feminilidade. Daí a tratar da homossexualidade feminina é algo fora do comum. No país apenas Anita Costa Prado se dedica a este tema de forma incisiva, centrando sua obra na já conceituada personagem Katita.

O curioso da HQ “No congestionamento” é o jogo conceitual praticado por Vagner Francisco. Ao longo da história ele vai definindo quais características identificam uma lesbica, por suas atitudes, reações e até

linguagem oral. Cada situação colocada no roteiro ganha sua representação gráfica no traço de Anderson Cossa, reforçando o lado humorístico do discurso. Eis uma forma inteligente de se tratar um tema de certa forma ainda tabu, abordando-o com a naturalidade dos diálogos irônicos que se produzem fluentemente em nosso cotidiano.

A segunda HQ “Tenho uma surpresa”, com texto e desenhos de Marcio Sennes, inspira-se no estilo mangá para a representação gráfica, com seus traços estilizados e certa liberdade de composição. O texto é todo o tempo sugestivo, com duplos sentidos realçados pelos próprios personagens. Apesar de toda as insinuações, o desfecho não deixa de ser pueril. Entra aqui também o elemento do humor, sobrepondo-se ao erótico, na construção do discurso gráfico-textual.

As duas histórias nos levam a enxergar uma chama criativa nos fanzines e quadrinhos independentes, tão povoados de simulacros de

super-heróis e histórias que apelam à violência e ao grotesco. O fanzine Universo Subterrâneo é um exemplo de que publicações simples, mal impressas e despreziosas podem fazer a diferença em relação a um mercado perdido em sua reiterada banalidade.

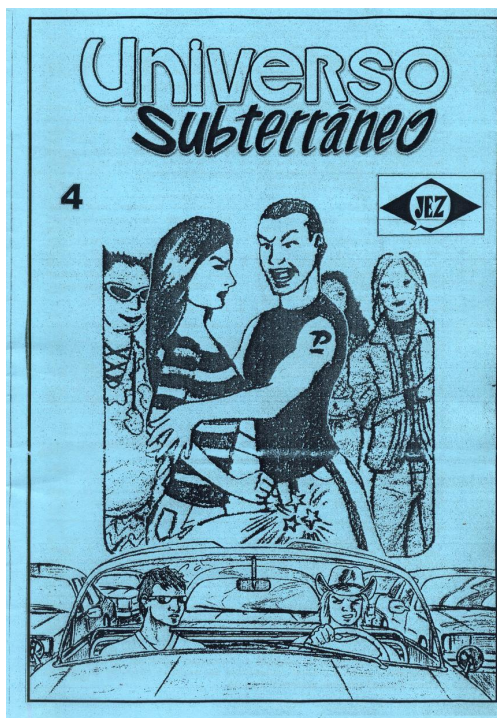
HM

Universo Subterrâneo

Editor: Sérgio Chaves

Nº 4, março de 2006. 12p, 15x21cm, Caixa postal 12. Vera Cruz, SP. 17560-970.

justicaeterna@hotmail.com



30 anos de Maria

Ao ler a edição Maria- Espirituosa... há 30 anos! vários pensamentos e sentimentos me afloraram: Penso que “A Irresistível Força do Humor” é um texto esclarecedor sobre a personagem, mutável no decorrer dos anos, mas sempre tendo a criatividade e o humor, como instrumento de reflexão para o leitor.

Sinto que trilho caminhos que você já trilhou, ao fazer camisetas, adesivos e planejar postais e chaveiros para divulgar a Katita. E as tiras da Maria, assim como a evolução do perfil da personagem, justificam a longevidade.

Para arrematar, esclareço que o texto de Gonçalo Júnior, “O rebolado de Maria”, fez com que eu te conhecesse um pouco mais. Te garanto uma coisa: se hoje estou com uma nova parceira profissional, buscando o melhor em termos de diálogos e desenhos, é porque você me estimulou.

Como citou Gonçalo, em determinados momentos você e Maria se fundem e certamente a história dos quadrinhos brasileiros também se mesclará a sua vivência e luta pela HQ nacional.

Anita Costa Prado
São Paulo, SP



Cara Anita, fazer esse álbum de Maria! foi como fazer uma viagem em toda minha formação e vivência, um balanço de vida.

Realmente, vejo que você tem aquele pique que me motivou nos primeiros anos com Maria. Isto é muito importante, para fazer a personagem evoluir sempre. Se não a faço mais hoje não é por falta de querer, mas por falta de tempo. Estou tão envolvido em tantos projetos da Marca de Fantasia que fica difícil me dedicar ao meu trabalho pessoal. Fazer essa edição de Maria me custou muito também por isso. Ele foi sendo adiado até que não pude mais deixar de fazê-lo, mais por Maria que por mim mesmo. Ela me cobrou isso, me exigiu, me intimou, e eu, como seu amante fiel, tive que me dobrar a sua vontade. O que me deu enorme prazer.

Subversivo

Com prazer e imensa alegria eu tenho visto e testemunhado o crescimento quantitativo e qualitativo das publicações da Marca de Fantasia, um reflexo de sua vontade inabalável e visão privilegiada em salvar produções essenciais que de outra forma passariam em branco. Desse modo, a Marca de Fantasia constrói sua história e engrandece o universo dos quadrinhos brasileiros e, por que não, da Nona Arte mundial.

Nestes tempos em que a inculturação e a banalização são partes de nosso cotidiano, sobreviver em nosso meio é a maior das subversões e o amigo dessa forma tem sido um subversivo brilhante.

Com imensa alegria recebo a edição de 30 anos! da espirituosa Maria. É imprescindível que estudiosos e leitores reconheçam em Maria a força e a importância deste trabalho, sua importância histórica é imensa, um quadrinho que costurou importantes períodos de nossa história com humor e contestação. Reconheço em Maria a primeira tira de quadrinhos a usar a ironia como expressão humorística, muito antes de todos.

É também instigante ver como o amigo transforma, trabalha os sentimentos pessoais da personagem em questões universais, seu microcosmo se reflete e ecoa em todo o universo cotidiano a sua volta. Sobretudo poucas vezes vi o universo feminino tão bem retratado por uma personagem. O amigo vai aos temas relevantes, os dissecar e torna o que é polêmico leve e o que é leve torna relevante.

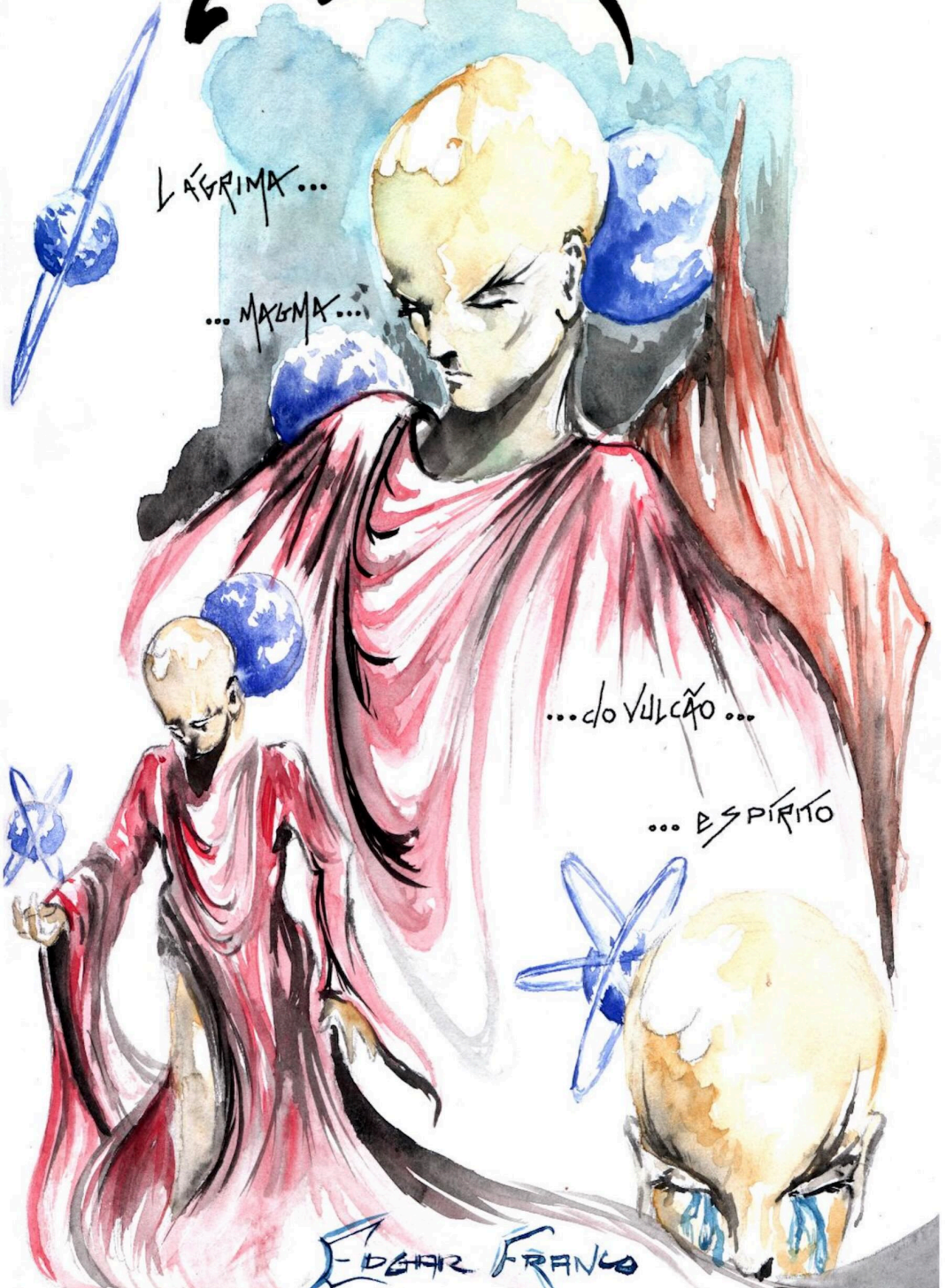
Penso que este é o maior trunfo de Maria, a partir da visão da personagem, construir nossa própria visão, no final todos somos Maria. Eu queria parabenizá-lo de forma justa e reconhecendo seu talento mais uma vez. A edição de Maria está caprichadíssima, a seleção das tiras muito feliz, coroando os 30 anos dessa sua “filha” com muito bom gosto!

Eduardo Manzano
São Paulo, SP

Caro amigo, eu agradeço tanto carinho. Ter lhe tocado dessa forma é a melhor resposta que eu podia ter com Maria. Estamos na luta!



MAGMA



LÁGRIMA...

...MAGMA...

...do vulcão...

...ESPÍRITO

EDGAR FRANCO